

**DESIGN
CULTURA
E ARTES
DESIGN
[em fronteira]**



O *TRANSUMANO* E O *COSMOLÓGICO*: CAMINHOS PARA DUAS TESES *SENTIPENSANTES*.

MARIA NORMA DE MENEZES, Discente/UFPE

DANIEL JÚNIOR FREIRE, Discente/UFPE

NEY DE BRITO DANTAS, Orientador/UFPE

ORIANA MARIA DUARTE DE ARAÚJO, Orientadora/UFPE

RESUMO

Este artigo aborda a evolução do design nas sociedades contemporâneas, tendo como base nas pesquisas de dois doutorandos do PPGDesign da UFPE. Com foco nas artimanhas racionalistas do período Moderno e nas perspectivas da antropologia humana, questões pós-humanas e colaborativas, buscou-se a convergência do design participativo para tecer uma trama holística e cosmogênica. Os orientadores colaboraram para uma inclusão democrática das pesquisas, realizadas durante o período de 2023-1. O artigo destaca a visão co-ontológica dos autores, explorando as interações com outros elementos. Além disso, estuda a perspectiva cosmológica e reflete sobre o papel do design em nos conectar com a Natureza e suas manifestações.

Palavras-chave: Design participativo; design colaborativo; *transhumanidades*; sustentabilidade; mundos outros.

1. INTRODUÇÃO

Falar sobre design já se tornou repetitivo. Design disso, daquilo, para todos gostos e lados. Mas afinal, o que é design? Em sua breve existência na história moderna, ele já foi tanto herói quanto vilão, e continua sendo! Para aprimorar suas práticas, algumas de suas correntes estão redescobrimo caminhos ancestrais que, com ou sem tecnologia, promovem a sustentabilidade e a equidade participativa em sua criação e desenvolvimento. Por outro lado, a visão e projeção do transumanismo continuam assombrando o design, impulsionados pela velocidade imposta pela tecnologia e pelo design especulativo, que projetam um futuro sem termos alcançado um presente sustentável em relação às equidades sócio-econômico-ambientais.

Neste artigo voltado para designers, iremos explorar o design participativo, que valoriza o «mais que humano» (AKAMA; LIGHT; KAMIHIRA, 2020), a cosmologia e a convergência de pensamentos da ciência e de povos originários, buscando proporcionar aos leitores uma reflexão prazerosa e um potencial rizomático (Deleuze G. & Guatari F., apud Ingold, 2012).

Antes de adentrar no aspecto cosmológico, faremos um breve panorama filosófico que influenciou o design, especialmente a partir do século XX, considerando que o pensamento transumanista surge no Iluminismo e na era Moderna, ao se suprimir a emoção em prol da razão, do ser absoluto e do cogito. Estamos falando do advento moderno em Descartes, Hegel, Kant e Nietzsche. Todavia essas ideias não são o foco deste artigo.

Como chegamos ao transumanismo? Segundo Nietzsche (apud Jappe 2021), ao «matar Deus» e trazer a metafísica para o convívio humano por meio de criações da razão produtiva. O princípio da razão como absoluto máximo, o valor capital como governante universal e a negação das correntes cósmicas presentes no Universo, tanto tangíveis quanto intangíveis ao ser humano (Jappe, 2021). Assim chegamos ao transhumanismo, um movimento filosófico e futurista que busca aprimorar as capacidades intelectuais e físicas dos seres humanos além dos limites atuais. Com raí-

zes nas décadas de 1920/30, ganhou impulso e atenção nas últimas três décadas. No entanto, apesar de termos avançado no conhecimento das potencialidades cognitivas humanas, parece que deixamos de lado os conhecimentos humanos que guiaram inúmeras existências ao longo da história da Terra.

A priori, os transumanistas buscam, por meio da ciência e da tecnologia, melhorar fundamentalmente a condição humana, acelerando a evolução da vida inteligente para além da forma humana e suas limitações, guiados por princípios e valores que promovem a vida. (HOFKIRCHNER & KREOWSKI, 2021). Daí surge a questão: que tipo de vida propõe o *transhumanISMO*?¹ Partimos da crítica de Francis Fukuyama (2009), que o considera como uma das “ideias mais perigosas do mundo”. Ele afirma que desconhecemos onde as possibilidades tecnológicas nos levarão se não entendermos o que o movimento ambiental nos alertou: termos humildade e respeito à integridade da Natureza assim como sermos humildes com a nossa própria natureza transformadora que anda, através dos processos tecnológicos e industriais acelerando um futuro cujo presente ainda não alcançou sua sustentabilidade.

Começemos pela introdução aos alicerces que formaram o design participativo e colaborativo, que partem da antropologia, fazem parte de ambas pesquisas que tratam de questões de antropologia, auto-etnografia e sustentabilidade sob olhares diversos.

¹ Sobre o grifo a diferença entre o sufixo *ismo* e as *ades*. Segundo o dicionário priberam.org –*ismo* | *suf. ismo* | *n. m. -ismo* (latim *-ismus*, do grego *-ismós*) Sufixo formador de substantivos abstratos (ex.: *alcooolismo*, *liberalismo*). Qualquer doutrina, movimento ou teoria que não se quer especificar. Já o sufixo “*ade*” indica qualidade, estado ou grau de ser [íntegro, humilde, etc]. Já é tempo de assumirmos as “*ades*”: Amorosidades, sociabilidades, capitalidades... Valendo também ressaltar que o sufixo “-ismo” significa “doença”, “patologia”. Nota dos autores.

PENSAR PÓS-HUMANO ENTRE HUMANOS: DESIGN PARTICIPATIVO E ANTROPOLOGIA

O design participativo nasce como fruto da visão social democrata. Isso já explica muito. O design é uma escolha de todos, por todos e para todos, de forma equânime. No entanto, nem sempre podemos aplicá-lo dessa forma e responsabilizar o pensamento e as práticas do design contemporâneo pelo desvio de seus objetivos em relação à equidade social seria um tanto ingênuo, pois as metodologias propostas até hoje se baseiam em momentos históricos em que a demanda gera uma abordagem linear e objetivista, devido à sua gênese industrial. Mas o contemporâneo exige mais, há uma necessidade urgente de entendermos o que fizemos, por que fizemos e como essas ações se relacionam com a natureza do planeta e nossa natureza transformadora, que podemos chamar de natureza artificial. É necessário aqui perceber essa artificialidade na forma de criação em sistemas complexos, em que abordagens e percepções cognitivas ditam sua construção, para então relacioná-las com questões antropológicas, urgentes no âmbito planetário e com o respeito às diferenças de habitats e nichos que variam social, cultural e afetivamente.

Pela urgência ecológica em que nos encontramos, podemos compreender que o design vai além da natureza artificial humana, ele faz parte do holos humano (ente, ego, alteridade) e do planeta (terreno, cósmico, transicional) e é por meio do reconhecimento da interdependência, indissociabilidade e constante transformação que nos identificamos com o design contemporâneo. No entanto, dois fatores não podem ser dissociados de nossa trajetória pelo design: o passado constituído e o futuro inevitável. Como Escobar (2012) destacou, eles são «realidades históricas ativas no presente» e incontornáveis ao pensá-lo como um desagregador de ambientes e acelerador de processos naturais.

Como construir, trocar, amar, multiplicar, conviver em territórios tão rapidamente mutantes, extremamente degradados e dissociados? Uma das respostas à coexistência humana pode ser encontrada nas trajetórias do *design anthropology* e aqui discorreremos sobre suas diferentes visões (e cosmovisões), buscando a poética no ambiente ancestral de pensadores originários e respondendo a eles com contribuições teóricas da antropologia social, do design antropologia e das teorias adaptativas (design participativo). O objetivo de aqui é o de mostrar estas poéticas, onde o leitor não necessita confrontar informações mas fruí-las para transformar seu fazer em *autopoiesis*, aqui no sentido biológico e *rizomático*. (Deleuze & Guatari, 1995)².

2. E TUDO NASCE DA COLABORAÇÃO AO DESIGN PARTICIPATIVO

A ideia de produzir este artigo a duas cabeças surgiu da profa e designer Cris Ibarra em curso oferecido no PPGDesign/UFPE. Trabalhar coletivamente já induz, naturalmente, à produção participativa. No entanto, é importante destacar as qualidades em particular da escrita coletiva do design participativo, uma vez que propõe a inserção de idéias, diferenças e fatores à gênese do pensar coletivo, e que esta abarque essas multiplicidades.

Escrever é um ato de coragem já que toda escrita é gravada enquanto propósito multiplicador. Multiplicam-se pensamentos, imaginários, possibilidades ao porvir, a relação entre seres e mundos, compondo e gerando diagramas diversos ao qual Escobar (2020) nos apresenta como *pluriverso*. Sua gênese já é *co labore* entre os escritores, de respeito à alteridade alheia, suas interpretações e *colheitas próprias*. Neste processo, observamos uma abordagem *encantadora* no design participativo, que

2. Sobre definição de rizoma em Deleuze & Guatari. "Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo... Não existem pontos ou posições num rizoma como se encontra numa estrutura, numa árvore, numa raiz. Existem somente linhas" – Deleuze & Guattari, Mil Platôs Vol I, 1995. Em Varela, apud Ibarra (2021) autopoiesis do grego é o ato de se autoreconstruir.

paixa sobre nós e nos convida à reflexão em momentos de estagnação ou avanços desenfreados, resultantes das adversidades enfrentadas durante os períodos obscuros do capitalismo. Esse momento reflexivo ressalta as dificuldades em avançar em direção a um design mais justo e, conseqüentemente, em promover mudanças significativas na maneira como pensamos e enfrentamos esses desafios.

A GÊNESE DO DESIGN PARTICIPATIVO EM INGOLD

Ingold (2012), quando se refere ao ato de improvisar na criação, diz que isso não significa conectar. Quando ele fala em um emaranhado de linhas ele literalmente propõe nossa observação sobre o movimento constante nelas observado, o *holos* destes conjuntos. Sua postulação traz duas questões fundamentais para o design. A primeira diz respeito à conexão, enquanto a segunda aborda os padrões de conexão. No âmbito do design, é essencial estabelecer conexões entre contextos, pessoas e paisagens, visando gerar resultados a partir dessas interações. Ele nos mostra que, ao contrário da objetividade, muitas vezes associada ao design, a vida, a criatividade e a improvisação estão entrelaçadas, tudo está interligado, sem necessariamente seguir um fio condutor que os conecte.

Refletir sobre essa postulação nos dá uma perspectiva da vida das coisas e dos sujeitos no design já que esses emaranhados se formam em um *continuum* sem começo nem fim, apenas estão presentes, participando da vida por isso são tão singulares. Os elementos locais, o acaso e as temporalidades envolvidas passam facilmente despercebidos no universo do design tradicional.

Sob a ótica de Ingold, percebemos que uma árvore não é apenas uma árvore, mas um organismo que habita a si mesmo enquanto «ser árvore» e abriga muitos outros organismos que poderiam estar apenas (ou não!) naquela árvore, mas que estão ali, presentes. Ele denomina isso de *árvore/*

coisa. Esse exemplo de interdependência é verdadeiramente inspirador. Daí nasce o design participativo em Ingold: reverter a ontologia racional, destituir o fundamento, anular fim e começo. E estar no meio deste emaranhado chamado vida pelas *dialogias colaborativas*³.

A GÊNESE DO DESIGN PLURIVERSAL EM ESCOBAR, O «PLURIVERSO».

Arturo Escobar (2020) destaca a importância da co-criação e da conscientização em relação aos múltiplos universos em que vivemos. O *design antropologia* assim tem desempenhado um papel significativo nesse processo, ajudando a orientar nossa responsabilidade na sociedade e nos mundos em que estamos inseridos. Ele enxerga o design como uma prática poderosa que molda nossa experiência do mundo e nos faz refletir sobre sua não neutralidade, considerando os valores, ideologias e consequências envolvidos em seu fazer.

Os designers têm o desafio de sintetizar essa consciência transformadora, tornando adversidade em diversidade para criar universos inclusivos e justos. Assim, no processo de design participativo, a colaboração da comunidade é fundamental, garantindo que suas necessidades, perspectivas e ideias sejam consideradas e incorporadas ao desenvolvimento dos espaços. Esse processo amplia vozes e origina um design vivo, denominado por Escobar como «pluriverso»: um mundo que abraça múltiplos mundos e está em constante fluxo, participando da vida de forma inclusiva (Escobar, 2020).

3 Sobre as dialogias colaborativas – Já se fala sobre o design participativo há pelo menos três décadas, a questão é que ele é uma pequena “sessão de poder” pois o designer delega uma parte do processo que ele controla; a visão de **design colaborativo** deixa estes limites mais fuzzy e confere mais liberdade e sistematicidade ao processo criador. Desta forma, entendemos que o design participativo foi um estágio do processo de integração. Hoje existem plataformas como o Strateegia que apontam para possibilidades colaborativas em um sentido mais libertador: o de reescrever fatos, ambientes e história à maneira do grupo presente. Nota dos autores.

3. POVOS ORIGINÁRIOS: O BERÇO PARA ENTENDERMOS O «MAIS QUE HUMANOS E O PLURIVERSO». A COSMOGÊNESE EM KRENAK E SANTOS.

Ailton Krenak, pensador indígena contemporâneo, transcende o senso de pertencimento à nossa Mãe Terra por meio de sua poesia vital. Ao contrário da maioria das pessoas que só enxergam a solidez da terra, ele reconhece a completude e fluidez da existência, assim como a interdependência com os elementos «encantados» originários da Terra. Ele destaca os «espíritos da água presente» e a poesia que ela traz à vida, enfatizando a dimensão espiritual e poderosa desses elementos, ressaltando a importância da água para tudo e todos que dependem dela, indo além de um senso de pertencimento geográfico, abrangendo uma compreensão holística.

Ao falar sobre os «encantados», Krenak nos leva ao respeitado e misterioso universo não-humano, destacando a existência de inteligência e energia nas forças da natureza, nos convidando a avaliarmos nossas crenças e a reaprender nossa relação com a Terra e seus elementos, reconhecendo sua habilidade transformadora e resiliente. Além disso, ao refletir coletivamente sobre o processo de design antropologia é possível aprender com as experiências vividas presentes nos povos originários que promovem um senso de cocriação, vozes ampliadas e responsabilidades.

Conforme Nego Bispo (Santos, 2015), existe uma energia orgânica nas expressões produtivas nas comunidades e esse contexto espalha potencial intencionalidades do design participativo. Ao demonstrar como as comunidades quilombolas trabalham em coesão, divisão e revezamento de tarefas e união pelas diferentes atividades em *comuna* e sua relação com a natureza.

Nesse contexto, Bispo aborda a relação entre esses elementos e como as leis da confluência e *transfluência* regem essa relação. A pri-

meira destas, articula uma conversa ao qual este convívio com os elementos se afirma na fala «nem tudo que se ajunta se mistura» (2015), que mostra a necessidade do respeito às diferenças. A segunda lei é designada como regente das relações de transformações colaborativas dos elementos possíveis/cabíveis.

Essas leis conseguem nos aproximar da lógica cosmovisiva indígena de relacionamento de respeito com os elementos vitais e universos presentes em sua conjuntura comunitária, trazendo portanto como razão-emoção inata a qualidade maior do Ser transformador. Este é um ponto de atenção à entropia produzida pela natureza artificial humana dos povos industrializados, na tentativa de fazer crer, como Krenak afirma, que: «Os rios, esses seres que sempre habitaram os mundos em diferentes formas, são quem me sugerem que, se há futuro a ser cogitado, esse futuro é ancestral porque já estava aqui.»

A partir dessas premissas, abre-se o debate entre o que é orgânico e o que é sintético, assim como o que está presente nas realidades de um e outro. Podemos até dizer que o natural, o permeável, o adaptável faz parte de uma realidade inata ao ser e ao planeta, assim como o sintético e o transhumano faz parte de um desejo/volição inato ao humano.

Em Krenak (2020), a ideia de um reflorestamento no nosso imaginário consiste em resgates de uma visão mais abrangente e integral do universo, que compreende a interconexão e interdependência de todas as formas de vida e seres na concepção das gerações atuais habitantes da Terra. Em Santos (2015) percebemos que o respeito a essas diferenças são essenciais para que seja devolvida potencialidade à vida do design.

4. IBARRA: QUANDO A ANTROPOLOGIA ENCONTRA A POÉTICA DO DESIGN

Os autores mencionados trouxeram contribuições eurocêtricas, pós-coloniais e a visão ancestral para o campo do design. Ibarra, em sua experiência, defende o design participativo, pluri-autoral, no contexto urbano, envolvendo todos os indivíduos e permitindo a perenidade do design entre as coisas e com os sujeitos envolvidos (Ibarra, 2021).

Apoiando-se em Escobar, Ibarra (2021) propõe uma abordagem ontológica e fenomenológica do design, afastando-se da ontologia cartesiana associada ao design moderno. Reconhecer o design como algo ontológico significa desenhar o mundo para coexistir com ele, fazer parte dele e não destruí-lo. É uma forma de reconhecer nossa capacidade inata de transformação e concebê-la de maneira sustentável. Esta compreensão enfatiza um novo aspecto ontológico: a incompletude, que estimula o engajamento do designer e do design em sistemas complexos, visando às possibilidades vivas desses sistemas.

Escobar (2012), ao mencionar Deleuze e Guattari (1995) que rejeitam a noção pós-moderna, o corpo maquínico e sua materialidade efêmera. Traz uma ontologia liberta de dogmas e metodologias rígidas para o fazer humano, que depende do *pluriverso* para re-humanizar esse fazer dentro das possibilidades do Sul Global. Ibarra(2021), enquanto designer, traz essa abordagem para o design. Ela descreve sua pesquisa e vivência em Santa Teresa, um bairro histórico da cidade do Rio de Janeiro, que é plural em sua essência, mas também guarda suas peculiaridades e relata a formação do Coletivo Santa Sem Violência, que surgiu como resposta à violência presente na região e foi formado por grupos heterogêneos.

No decorrer da pesquisa, ela destaca momentos marcantes, como a percepção coletiva da crueldade crescente no bairro e a preocupação

com a desfiguração da memória afetiva da comunidade devido aos atos de violência e descreve sua abordagem hilemórfica, amorosa e respeitosa ao se envolver com o coletivo, assim como gradualmente o design se entrelaça as pessoas, permitindo que a identidade profundamente cultivada pelos habitantes de Santa Teresa substituísse a aflição, a tristeza e o sentimento de impotência.

Assim, a pesquisa de Ibarra ilustra a relação entre design e comunidade, destacando a importância do design participativo e colaborativo para transformar a realidade e nutrir a identidade cultural, social e afetiva de um local específico.

5. AS TRAMAS QUE FORMAM A VIDA E O DESIGN SENTIPENSANTE.

É a liberdade⁴ de pensar que torna nosso olhar sentipensante. Os autores abordados neste ensaio destacam o potencial do design vivo para a vida, mas surge a questão crucial: esse potencial pode ser realizado sem o valor imposto pelo capital sobre os seres humanos? Pois este se reconstrói facilmente, já que «produz dinheiro vindo do ar rarefeito» (Zeitgeist, 2011), ou seja, o capital não considera a vida, apenas recursos naturais, materiais, imateriais e humanos.

Em uma licença poética, reproduzimos aqui as palavras do economista, sociólogo e pensador contemporâneo Enrique Leff, durante a primeira Conferência «Sustentável» (WBCSD/CEBDS, 2005). Ele afirmou que «o brasileiro possui a sensibilidade intersticial de penetrar as camadas mais duras do capitalismo e plantar a semente da sustentabilidade». Se-

⁴ A liberdade do pluriverso é a liberdade de colaborar com a vida em seu sentido pleno. Longe dos devaneios libertinos propostos pelo Moderno é a participação sem intervenção e sim com correspondência ao momento, à vida das coisas, objetos e sujeitos participativos e isto já mostra profundo senso de responsabilidade expandida à todo fazer. Já a liberdade do Moderno (que se perpetua no pós e hiper moderno) tem como intenção a retirada de dogmas e da metafísica a eles ligada, tem como centralizador o poder humano de transformar e com isso nos distanciar do presente da vida. Nota dos autores afirmada pelos autores abordados no texto.

riam apenas os brasileiros ou todo o Sul Global, com seus vastos territórios e paisagens, ricos e carentes, que possuem a capacidade de serem ancestrais, novos e resilientes em seu hibridismo conceitual e factual?

Essas questões levantadas pelo design antropologia descrito por Ingold, Escobar e Ibarra e pelo saber ancestral em Krenak e Santos, nos enchem de «princípio esperança» não como uma esperança vazia, mas como um compromisso com a vida, com a consciência de que não sabemos tudo e com o respeito à alteridade absoluta que existe em cada um de nós.

DESIGN SENTIPENSANTE: VIVÊNCIAS DO *PLURIVERSAL*

É curioso como ainda não nos damos conta de que somos seres complexos, sobreviventes em sistemas complexos, quando falamos em *sentipensamento*. Ao abordarmos os tempos modernos e suas consequências nefastas para os seres, os ecossistemas, os nichos e habitats do planeta, esquecemos de todas as outras civilizações que, apesar das relações de domínio e poder, sempre coexistiram no mundo e resistiram ao caos promovido pela modernidade.

Como designers, devemos perceber que fazemos parte de um processo evolucionário, cujo percurso abrange diferentes movimentos humanos na Terra e, mesmo diante dos problemas causados pela sociedade globalizada, não devemos descartar suas qualidades e potencialidades. Entender que o cartesianismo, parte inseparável da mentalidade moderna, ainda está presente não impede que reconheçamos sua obsolescência e a lógica que o sustenta. Outras lógicas irão fundamentar o fazer humano em diversas abordagens.

O que nos torna sentipensantes, como proposto pelos autores mencionados? Livrar-nos do ego racional restritivo, reconhecer nossa importância, porém não onipotência, diante das forças naturais que lutam para libertar-nos das «jaulas de racionalidade» (We-

ber apud Leff, 2006)? Talvez, ao pararmos para refletir sem confrontar ou comparar, possamos não apenas integrar uma «racionalidade ambiental» (Leff, 2006) aos nossos sentimentos, mas também colaborar com nosso potencial transformador, seja em pequena e média escala.

Estes aportes estão sendo vistos como meta caminhos para nossas teses. Já que sobrelevam o grande e forte abraço que o design participativo entrega por envolver todos os seres como co-criadores do design. Acreditamos que esta interpretação ainda não constitui premissa primeira ao olhar humano, mas estamos no caminho para esta realização já que a colaboração profunda, a relevância das essências dos pluriversos envolvidos, refletem o movimento em direção a uma maior responsabilidade expandida por parte dos designers.

AÇÕES SENTIPENSANTES, GESTOS AMOROSOS. LIBERDADE E CORAGEM PARA MUDAR.

Aqui trataremos do gesto de ousar, de ir contra a corrente dos *trends* (que podem ser *tricks* pois que não raras as vezes nos prendem à *jaula de racionalidade* imposta pelos mercados). Para isso, partimos da fala colhida em Paulo Freire sobre nos acomodarmos. Acomodamo-nos ao sistema capitalista e só reclamamos e criamos sofismas para tentar driblá-lo. Mas o sentipensante não depende de sistema algum e sim de liberdade para pensar, ousar, criar no ambiente em que nos encontramos. É o aqui e agora e o «e agora?». Olhando o presente: A velocidade com que produzimos para o futuro está nos privando do tempo de observação. Esse tempo, que não pode ser medido por temporalidades e modismos, é o tempo do ser sentipensante. O lúdico, o prazer, o entretenimento estão distorcidos pelo consumo centralizado e a capacidade humana de absorvê-los está ausente devido à velocidade com que são apresentados.

Assim, a gênese constituinte da resiliência está sendo retirada de nós, impedindo uma ação participativa. O olhar acele-

rado e híbrido sobre as formas de ser e estar no mundo, aliado ao individualismo exacerbado da contemporaneidade, está roubando nosso ser no mundo, transformando-nos em seres do mundo, ligados às causas mundanas e às divisões entre sentimento e «razões» para se encaixar no mundo. Qual é o mundo proposto pelo *hiper-meta-trans-moderno*?

Sendo assim, hoje, não podemos afirmar que permanecer em um estado de segurança vital, descrito por Freire (1987), traz qualquer segurança. A crise é humanitária e abrange todos os setores. A liberdade de pensar deve ser uma prática comum, prazerosa e lúdica.

Unir o *sentipensamento* ao design é uma tarefa fundamental, pois o design sempre teve como premissa criar diretrizes para práticas humanas. Somos agentes intersticiais que designam as interfaces entre os seres humanos, o planeta e o cosmos. Através dessa união de conhecimentos e da liberdade de reconhecer o que ainda não sabemos sobre o passado e o que ainda não desejamos para o futuro seremos humanos designers e, acima de tudo, Seres *sentipensantes*.

6. CONSIDERAÇÕES: COMO É BOM FALAR EM CORRESPONDÊNCIA

As abordagens concentradas neste artigo provém de embasamentos derivados da filosofia, do design e da antropologia que valorizam as correspondências, a raiz da cosmologia e a busca da confluência de posicionamentos e reflexão sobre potenciais rizomáticos. Como o sentido de correspondência se baseia no tripé *hábito, agenciamento e atenção-lidade* propostos por Ingold e descritos em Ibarra (2021) transpusemos este tripé aos saberes cosmológicos dos povos originários (sua visão e prática antecede em muitos milênios à visão Moderna ocidental), percebemos os teóricos adjacentes presentes no ensaio como agentes de apoio a esta caminhada e a atenção maior a organização dos excertos do *jamboard* em busca de um caminho «meta intencional» que se agregas-

se as pesquisas. O ensaio original, agora apresentado na forma de artigo reduzido, entrega-se então ao design participativo, onde um breve panorama que influencia o design no Século XX/XXI, destaca o surgimento do pensamento transumano. Este pensamento Moderno trouxe a metafísica para o Mundo humano por meio de artifícios criados pela razão cujo valor capital se coaduna, gerando frutos desequilibrados e dicotômicos. Inúmeras invasões ao cosmológico se sucederam então, por navios eurocêntricos que espalham esses fantasmas até hoje, atrapalhando a evolução individual(princípio de alteridade) e de respeito ao Planeta, ainda tentando apagar as correntes cósmicas presentes ao universo tangível e intangível dos contextos contemporâneos.

Assim sendo, endeusar a tecnologia como a transformadora do humano pode torná-lo não humano se não revermos a questão do tempo do olhar (talvez seja por isso que a história vai modificando seus sufixos...). Todavia, o design participativo e colaborativo pode se utilizar destas e das futuras tecnologias se estas realmente estiverem engajadas à saúde do planeta Terra e seus habitantes em *pluriversos de Amore*⁵.

5 A-more, segundo Nietzsche é a ausência da moral dos homens, é se estar "além de bem e mal" ao que podemos traduzir estar conectados a própria natureza da Natureza. (Nietzsche, F. *Para Além de Bem e Mal*. Lisboa: Guimarães Editores, 1987.)

REFERÊNCIAS

AKAMA, Y.; LIGHT, A.; KAMIHIRA, T. **Expanding participation to design with more-than-human concerns**. Proceedings of the 16th Participatory Design Conference 2020 – Participation(s) Otherwise – Volume 1. Anais...New York, NY, USA: ACM, 2020.

DELEUZE, Gilles. GUATARI, Felix. *Mil Platôs I*. São Paulo: Ed. 34, 4a reimpressão, 2007.

ESCOBAR, A. **Autonomía y diseño: La realización de lo comunal/ Arturo Escobar**. Popayán: Universidad del Cauca. Sello Editorial, 2016.

----- **Contra o terricídio. N-1 Edições**, 2020. Disponível em: <https://www.n1edicoes.org/textos/190>. Acesso em: 01 mai. 2023.

FUKUYAMA, F.: **Transhumanism. Foreign Policy**. <http://foreignpolicy.com/2009/10/23/transhumanism/> (2009). Accessed 20 Aug 2018

HOFKIRCHNER, Wolfgang; KREOWSKI, Hans-Jörg (Ed.). **Transhumanism: The Proper Guide to a Posthuman Condition Or a Dangerous Idea?**. New York: Springer, 2021.

IBARRA, María Cristina. **Design como correspondência: antropologia e participação na cidade** – Recife: ed. UFPE, 2021

INGOLD, Tim. **Antropologia e/como educação**. Tim Ingold; tradução Vitor Emanuel Santos Lima, Leonardo Rangel dos Reis. (Coleção Antropologia). Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

----- **Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais**. Horizontes antropológicos, Porto Alegre, v. 18, n. 37, p. 25-44, June 2012a.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LEFF, Enrique. **Racionalidade Ambiental**. Petrópolis: Vozes, 2009.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, Quilombos, Modos e Significações**.
Brasília: INCTI/UnB, 2015.

ZEITGEIST, O Filme. 2007.

AUTORES

MARIA NORMA DE MENEZES

<http://lattes.cnpq.br/1701599729231219>

MSc Ciência da Arte, doutoranda em Design UFPE, designer e docente UFRJ, 40h-DE. Objetos de pesquisa atuais: sustentabilidade da imagem; consciência imaginante, imaginário e design; design cognitivo em tempos transhumanos.

norma.menezes@ufpe.br

DANIEL JÚNIOR FREIRE

<http://lattes.cnpq.br/4475965896083699>

Mestre em Design, ocupa o cargo de Programador Visual no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano, Campus Petrolina, desde 2011, onde desenvolve atividades de ensino, pesquisa e extensão. Atualmente cursa doutorado pelo programa de pós-graduação em Design da Universidade Federal de Pernambuco (PPGDesign).

daniel.freire@ufpe.br

NEY BRITO DANTAS

<http://lattes.cnpq.br/3943497493556232>

PhD – AA, Mestre em História, Arquiteto. Objetos de Pesquisa atuais: 1) Design de experiência de aprendizado mediada por assistentes conversacionais. 2) Estudo de tecnologias de observação ilimitada na clareza natural e entendimento dos processos de origem interdependente.

ney.dantas@ufpe.br

ORIANA MARIA DUARTE DE ARAÚJO

<http://lattes.cnpq.br/7982763946400047>

Artista e Professora, doutora em Comunicação e semiótica pela USP. Professora Associada UFPE. Transdisciplinaridade como aspecto fundamental das práticas artísticas e acadêmicas, ênfase na experiência do sensível, atravessa investigações nos campos de estudos do corpo, processos artísticos e relações entre arte e filosofia.

oriana.araujo@ufpe.br
